

Conversa Escrita

Janete Frochtengarten

Idéias suscitadas pela leitura do trabalho "Instituição, Formação, Psicanálise".

O texto de Cecília se insere entre duas citações.

Em uma - os pés livres, de mãos dadas, em outra - o apoio, o suporte, o elemento de segurança.

Início e fim. E fim e início.

Em sua formalização o texto está **entre**. Em seu fluxo, eu o escuto dentro - mãos dadas e apoio são o seu refrão; estão presentes, sincopadamente, significando e resignificando o que vai sendo escrito. Razão de ser do texto em seu momento atual, razão de ser de meu comentário.

Tento dar minha mão para andar com Cecília por um caminho que é difícil, não porque assim eu o quis, mas porque me pareceu ser o tal onde se pode andar de pés livres - o caminho da sustentação do conflito. Onde os pés podem seguir livres não por se livrarem do embate, mas por poderem ser seu suporte.

O texto aponta para um conflito não somente através de seu caráter denotativo, de "remeter a", mas enquanto **ação** da própria escrita. Vive no texto uma produtiva tensão entre o que ele diz e desdiz, entre o que ele diz e contradiz. Escutemos.

A autora está em pleno desenvolvimento da idéia da recusa de assumir uma postura paternalista e eis que...

..."Atraía-nos a oportunidade de trabalhar na área da saúde mental, onde pudéssemos **ampliar os benefícios do pensar analítico ...**" (grifos meus).

Mas a intenção de ampliar os benefícios do pensar analítico não é essencialmente ... paternalista?

O não-paternalismo não seria justamente a aceitação de uma oportunidade outra - a de se dirigir para um **lugar** teórico-clínico onde a nova prática gerasse movimentos na teoria, e então na prática, e então ...?

Formulando assim, poderia parecer que estou

enxertando idéias minhas nas da autora. Será? Acho que não. Se assim fosse não haveria o sub-texto do texto, onde o conflito pulsa. Pois, mais adiante:

..."Parafrazeando Giroux, buscamos neste projeto a **intersecção entre teoria e prática ...**"; ..."imaginamos que a **interação** se daria ... e como através de **tal troca**, um modo da prática poderia emergir do qual **todos poderiam se beneficiar**" (grifos meus).

Assim como surgira a postura paternalista de **ampliar os benefícios** do pensar analítico, contradizendo a idéia que era desenvolvida, surge agora a recusa. Movimento de afirmar, infirmar para depois reafirmar. Movimento de conflito.

Em outra seqüência do texto, a autora relata o debater-se "o tempo todo muito mais com o desejo por parte dos participantes de que a atividade formativa se caracterizasse como um "curso", onde teriam o papel de aprendizes, do que como um grupo de reflexão, que implicasse em participação". E, no segundo parágrafo a seguir: ... "as dificuldades não existiam só por parte dos **alunos ...**" (grifo meu).

Mas aluno remete a "curso", a aprendiz ...

Salta à escuta que o debate mencionado não era só com os ... que difícil achar um nome! Pois, logo mais, os participantes do grupo são "servidores" - quando a questão colocada é justamente a quem e a que demanda a equipe terapêutica está servindo...

O trabalho da equipe terapêutica deve servir a quem ela atende ou às pressões da orientação da Coordenadoria de Saúde Mental? O trabalho da equipe de coordenadores do Departamento de psica-

Janete Frochtengarten

Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

nálise serve aos objetivos deste ou aos dos grupos que atende? Quem é servidor de quem? É bem a questão trazida por Cecília - e é bem a designação que então lhe surge.

Como fala este texto!

Escutá-lo trouxe para mim a oportunidade de me aproximar da dificuldade com a qual todos nós - que com isso compartilhamos - temos inevitavelmente que lidar. A dificuldade de quem se propõe à **construção em ato**.

Frente a esta, quantas vezes tenho ficado com as mãos entregues à sua própria e desajeitada motilidade, buscando, tateando. E quantas vezes tenho encontrado apoios que alentam, que conduzem adiante - como nesta forma de articular de Chaim:

... "A História teria de se perguntar, ainda, pelo papel da teoria, que desvela alguns níveis mas que impede de falar sobre outros, como por exemplo, do narcisismo investido no poder teórico e que quer atribuir status de real apenas ao que é racional ou racionalizável. **Não basta** eliminar teoricamente o geocentrismo, o antropocentrismo e o narcisismo da consciência, quando este processo de eliminação implica apenas no seu deslocamento. Se os centros são deslocados para a teoria e esta secreta suas práticas como produtos reflexos, ao invés de elaborá-los nos níveis de produção concreta em que se dão, **o que se tem é a redução a uma unidade que se sustenta unicamente nas suas referências próprias ...**

... "Não se trata de apelar para um irracionalismo, mas de **suportar a descontinuidade e**

admiti-la como parte do processo de produção do conhecimento."⁽¹⁾ (grifos meus).

A dificuldade: suportar a descontinuidade, sustentar - em si e no trabalho conjunto - as rupturas narcísicas.

E por aí vou me distanciando da autora, na medida em que, na questão da formação, não visualizo a polaridade formação tradicional/formação em saúde mental ou formação tradicional/formação alternativa. A bem da verdade, não vejo com clareza o que as distinguiria. Seria um conteúdo programático? Consigo me

**E por aí vou
me distanciando
da autora:
não visualizo a
polaridade formação
tradicional/formação
em saúde mental.**

localizar melhor para pensar esta questão quando formulo: formações que podem ou não **conter em si** a possibilidade da descontinuidade.

Não deixo de lado, com esta forma de pensar, que as opções de formação são multideterminadas - há, sem dúvida, nelas implicados, problemas de mercado de trabalho, de estruturas de poder - problemas que não se limitam a opções no nível teórico. Mas penso que o que se inclui e o que se exclui de uma determinada modalidade de formação é determinado - e bastante - pela dispo-

nibilidade (ou não) de saída de uma posição narcísica tranqüila, de contemplação da própria imagem unificada refletida, para uma posição na qual a unidade narcísica de identidade é mantida de um jeito tal que a turvação e a turbulência consentidamente irrompem.

Assim eu visualizo melhor a "linha divisória": as formações podem ser, em sua própria praxis, gerúndio e não participio passado - povoadas de **formandos** e não **formados**. **Formandos** nos embates com a prática e não **formados**, repousados em nichos esplêndidos. E, em sendo **formandos** - por aí me reaproximo da autora - os pés livres demandam mãos dadas, apoio, alguma segurança; demandam o prazer do vínculo, do trabalho em comum. Demandam este abastecimento narcísico. Não é possível só abdicar.

Agradeço a Cecília ter-me propiciado pensar e redigir estas observações. A ela, minha admiração pelo trabalho efetivado - que a deslocou de um lugar mais reasssegurado - pelo trabalho de reflexão (que prossegue), e pelo trabalho da escrita - no que esta brada e no que sussura - e, principalmente, pela sua opção de que eu comentasse o texto. Ao invés de "retificar", corrigindo-o das "falhas" que eu apontava, Cecília preferiu me convidar a escrever.

Opção ética por um movimento de desvelar, de abrir, de arriscar. Obrigada.

(1) Chaim S. Katz, *Psicanálise e Instituição*, Editora Documentário, Rio de Janeiro, 1977, p.60-61.